

Teixeira, José, 2003, "O Q É Q É + IMPORTTT N1 MSG? (Mensagens SMS e novos usos da escrita), *Diacrítica Série Ciências da Linguagem*, nº 17/1, Universidade do Minho, Braga.

José Teixeira
ILCH-Universidade do Minho
jsteixeira@ilch.uminho.pt

O q é q é + importt n1 msg?

(Mensagens SMS e novos usos da escrita)

Resumo

Se a escrita SMS trunca as palavras, usa abreviaturas múltiplas e diferentes de mensagem para mensagem, utiliza palavras meio portuguesas meio inglesas, como é que o professor de língua há-de tratar este entulho?

Propõe-se que talvez seja justificável que a noção de "nível de língua", com tendência a ser (quase sempre) identificado com certas situações da oralidade, se possa aplicar à escrita. O conceito de **nível de escrita** poderá ser didacticamente útil na medida em que permite que o professor de língua não escorrace para fora da sala uma das formas de escrita que actualmente os seus alunos mais utilizam e aproveite o fascínio e o uso das SMS para trabalhar a faceta que aparentemente as mesmas mais "atacam": a escrita formal. Em vez de exorcizar a forma da língua escrita mais divergente (ou criativa?) seria talvez melhor mostrar que contextos de comunicação diferentes admitem processos diferentes e que para os tradicionais **níveis de língua** a tecnologia vai impondo diferentes **níveis de escrita**.

Palavras-chave: norma linguística; escrita (formas e níveis); oralidade; níveis de língua; SMS (mensagens)

Abstract

(SMS Messages and New Modes of Writing)

Given that SMS writing truncates words, uses multiple and different abbreviations for messages, makes use of half-Portuguese and half-English words, how can language teachers deal with this kind of junk?

We propose the possibility of using the notion of "language register", now commonly used (almost always) for oral contexts, for writing skills. The concept of **writing register** can turn out to be didactically useful, to the point of allowing the teacher of language not to exclude from the class room context one of the modes of writing that students nowadays most often use and to take advantage of the fascination and use of SMS to work in one of the areas that apparently students most often "violate": formal writing. Instead of exorcising the most diverget (or creative?) mode of writing it would be better to show that the different contexts of communication admit different procedures and that for traditional **language registers** technology imposes different **registers of writing**.

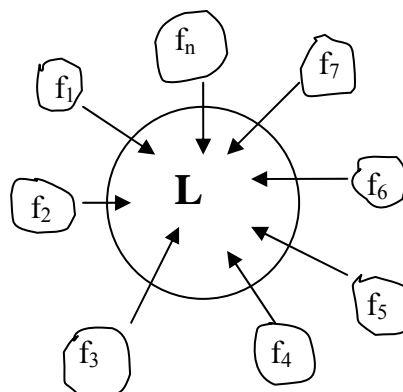
Key words: linguistic _____; writing (forms and registers); oral language; language registers; SMS (messages)

1. A língua que tem interessado à Linguística

“*A linguística tem por único e verdadeiro objecto a língua encarada em si mesma e por si mesma.*” É com este celeberrimo epitáfio (vincado em itálico) que termina o último parágrafo da última página do último capítulo da obra que costuma ser apresentada como o (ou um dos) pilar(es) da Linguística moderna: o *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure. Pretenderam os autores materiais da obra fornecer a linha de orientação geral que haveria de mudar os vectores de estudo e os rumos da nova ciência a constituir-se: a Linguística teria de crescer como uma ciência social, já que o fenómeno linguístico que deveria abordar deveria ser perspectivado como actividade social. A individualidade e particularidades do(s) uso(s) concreto(s) – a *parole* – ficariam fora da verdadeira Linguística – a Linguística da “*langue*”.

O estruturalismo linguístico parte precisamente daqui como base inquestionável. De todas as fatias que ficaram, depois de Saussure ter dividido dicotomicamente o fenómeno da linguagem verbal, só uma foi praticamente expulsa na quase totalidade: poderá haver uma linguística da sincronia e uma linguística da diacronia; as relações associativas interessam tanto à Linguística como as sintagmáticas. Mas à fala, à *parole* saussureana não é atribuível papel de verdadeiro objecto da nova ciência a construir. O que interessa é o modelo que é suposto todos seguirem. Desta forma, os usos concretos são vistos como tentativas de uso/imitação do modelo colectivo e assim sendo, à ciência interessará descrever o modelo e não as tentativas individuais diferenciadas.

Num esquema ilustrativo, o círculo central “**L**” representará a idealização do modelo “Língua”, enquanto as figuras que o cercam representam as tentativas cheias de “imperfeições” das várias “falas” (f_1 - f_n) em imitarem **L**:



Assim, à língua da Linguística interessarão apenas os mecanismos padronizados que no seu conjunto constituem as regras da norma da língua-padrão.

Como é evidente, o estruturalismo aceitava que não era possível observar o modelo *L*(língua) e que só lá se conseguiria chegar através das várias falas. Só que isto traz um problema metodológico: se se quer elaborar *L* a partir de f_1-f_n , tem que se decidir o que é que em f_1-f_n faz ou não faz parte de *L*. Por outras palavras, se em f_1-f_n se encontrarem duas regras alternativas uma da outra, qual é que deve ser considerada a de *L* e qual a que deve ser vista como particularidade não pertencente ao modelo colectivo mas devida à especificidade individual da fala? E a resposta tendia a identificar o modelo da Língua com a tradição da norma. A pressuposição de que o critério era o estatístico (do género “é da norma o que a maioria dos falantes utiliza”) é uma falácia que não resiste a uma simples análise superficial: em que língua se fizeram estatísticas para decretar as regras da norma? E assim, por muito que a linguística estruturalista sempre se tenha reclamado não subserviente em relação à norma linguística, as suas finalidades sempre foram desaguar na língua enquanto “estrutura”/modelo colectivo padrão. As noções de “erro”, “desvio”, “variantes” comprovam-no.

À primeira vista, o generativismo ao valorizar a competência e o desempenho do falante pode parecer ter recuperado a “fala” que o estruturalismo europeu arrumara. No entanto, na prática, a chamada “intuição linguística do falante” paradoxalmente só era válida se o linguista a aceitasse como tal. Caso contrário, punha-lhe um asterisco (uma espécie de estrela de David em ponto pequeno...) e a forma era “não-gramatical” ou “não-aceitável”. O ideal era ainda o mesmo: construir um modelo (generativo) das formas aceitáveis¹.

Por estas e outras razões, a Linguística nunca se interessou especificamente pela língua enquanto uso real, pelos actos linguísticos mais fundamentais, mais comuns e os únicos que verdadeiramente todos os falantes utilizam: a comunicação verbal na oralidade. Sempre foi a escrita a matéria de que a Linguística se serviu para as suas buscas, as suas análises e as suas teorias. O exemplário que serve de base de análise (ou o/s *corpus/corpora* que se vai vendo) é invariavelmente constituído por frases habitualmente de contexto não real, mas inventadas pelo linguista e inevitavelmente

¹ Recorde-se que o ideal da Gramática Generativa e Transformacional (pelo menos na sua fase clássica) era construir um modelo de geração de frases que gerasse todas as frases aceitáveis de uma língua e não gerasse frases “inaceitáveis”.

obedientes aos códigos do registo escrito. Por isso, como alguém disse, a Linguística tem sido uma espécie de Botânica que se tem dedicado a estudar ... flores de plástico.

Deste modo, a língua que tem interessado à Linguística tem sido sobretudo a língua padronizada, a língua enquanto modelo, o algoritmo de cada língua particular e, idealmente, até, na perspectiva generativista, um possível sistema universal. Os actos linguísticos concretos, apenas se filtrados pela normatividade (identificada com normalidade) da escrita. E se não se pode questionar que estes são os âmbitos mais nobres e mais atractivos do fenómeno linguístico, também não deixa de ser verdade que uma ciência deve estar aberta à totalidade da realidade que investiga e não apenas a uma parte, por muito aristocrática que seja. Não se podem idealizar os fenómenos: a ciência tem que, na medida do possível, observar o observável e não observar o que antes idealizou.

2. A língua que a escrita espelha

Embora a escrita possa ser vista como o retrato da língua, é sempre um retrato retocado, que limpa os actos orais de muita, muita coisa que os caracteriza. Por isso é que quando a escrita pretende representar verdadeiramente a oralidade, dificilmente o consegue. O texto fica esquisito, “feio”, menos “nobre” que o texto escrito habitual. Fica mesmo repleto de incorrecções linguísticas. Acabará sendo um texto semeado de estrelinhas ou asteriscos da agramaticalidade. Veja-se, a título exemplificativo, um excerto da transcrição de um registo oral (o entrevistado tem 20 anos e possui o bacharelato):

- portanto, pertences a um... grupo de futebol, tens os treinos mais ou menos diários, é?
- > sim. normalmente. depende de, vá, da qualidade do clube, do cal[...], da qualidade do campeonato que está a disputar.
- hum, hum, hum, hum. e esse treino, portanto há uma parte que é mesmo igual para todos, então, não é?
- > é. há o treino conjunto que é
- ah, pois. [...]
- > pois, futebol. e há o treino técnico específico, que é jogadas ensaiadas, tipo livres, directos, cantos, e depois há outro treino técnico mas... de, da própria técnica em si, tipo aquilo que eu lhe disse há bocado

(Nascimento, “Jogar futebol”, CD ROM *Português Falado – Documentos Autênticos*)

Mas nem esta transcrição retrata fielmente o registo oral, estando já ela normalizada e simplificada.² Ora isto não é um “defeito” da escrita. A escrita não existe para espelhar a nossa comunicação linguística. Sendo esta essencialmente oral, só a própria oralidade é a oralidade. A escrita é uma sublimação da oralidade. É a oralidade reflectida, trabalhada sempre, mais ou menos, artisticamente.

A própria história da escrita é, sobre isso, sintomática. O sagrado (“hieroglífico”, no sentido primitivo) e o artístico estão desde as origens indissociavelmente ligados à escrita, tanto egípcia, como chinesa ou árabe. Ainda hoje, as centenas de tipos de letra que podemos ter à nossa disposição num qualquer processador de texto não existem só por razões práticas, mas estéticas.

A escrita é o espelho que olha para a língua e que lhe apara as imperfeições. E só neste âmbito é que deixamos que ela exista. As repetições, os truncamentos, as não concordâncias, as elisões e todos os “defeitos” da oralidade não podem reflectir-se na escrita.

3. A dessacralização da escrita

Assim sendo, a língua da escrita não se poderia comparar à língua real. E se a esta a tradição pedagógico-gramatical admitia variações e níveis, conforme os contextos situacionais e pessoais do falante (assim os conceitos de linguagem coloquial, linguagem familiar, linguagem formal, etc...), à escrita não é admissível que não esteja sempre na forma ideal. Isto levou a que a escrita fosse sempre identificada com as realizações ideais dos actos linguísticos e por isso, ela própria, teria que estar no mesmo patamar de exigência. Não seriam possíveis, por isso, “níveis de escrita”, já que ao contrário do que acontece na oralidade, no processo gráfico não são admissíveis os “defeitos da oralidade (cortes, repetições, não concordâncias, elisões, ...). Por isso, se numa mensagem oral é sobretudo no conteúdo comunicativo que reside a motivação primária, num texto escrito a forma pode contar tanto ou mais do que o conteúdo. Aliás, usualmente é isto mesmo que acontece. Não é por acaso que o domínio das técnicas e das formas da escrita sempre foi um sinal de prestígio social e que a tradição cultural sempre fez da literatura (que assenta na(s) forma(s) da linguagem escrita) o alicerce da educação escolar.

² Como se pode comprovar nas “Normas de Transcrição Utilizadas” publicadas no próprio CD-ROM (Nascimento 2001)

Consequentemente, mais do que espelhar a oralidade da linguagem verbal, o processo gráfico destinou-se a ser um meio excepcional de comunicação. Ao princípio dominado e exclusivo de elites reduzidíssimas. No percurso de três a quatro mil anos que já leva, só nos últimos duzentos é que começou a ser popularizado. E nestes últimos duzentos anos tem servido exactamente para marcar a diferença entre o não escolarizado e o escolarizado e dentro deste grupo hierarquizar os níveis, graus ou patamares de escolarização, que o mesmo é dizer o escalão e estatuto social.

O processo altera-se radicalmente nas últimas dezenas de anos.

A primeira causa reside no facto de praticamente todos os falantes actualmente dominarem a técnica da escrita. O carácter “hieroglífico”/sagrado da grafia vai, pouco a pouco, sendo relegado para segundo plano. Este facto é visível, por exemplo, no decréscimo de importância que a escola (que reflecte a sociedade) dá ao desenho das letras da escrita. A “Caligrafia” (literalmente “escrita bonita”) que era uma disciplina e um aspecto fundamental para o mestre-escola avaliar a qualidade do estudante vai gradualmente perdendo importância. O “não ter letra bonita” deixa de ser, na escola, altamente penalizador (mas ainda há poucas dezenas de anos o era!). A escola desinteressou-se do aspecto gráfico na comunicação escrita, de tal forma que mesmo aspectos fundamentais, como a legibilidade da mesma, são secundarizados. Mesmo em situações formais de escrita, como por exemplo num teste na Universidade, muitas vezes o aluno escreve com o mesmo tipo de letra com que tira apontamentos. É mais a-minha-letra do que letra-para-o-outro. Repare-se, a título meramente exemplificativo, numa palavra³ que neste caso até não é difícil de conseguir ler:



“nomeadamente”

O que o leitor faz é “adivinhar” as letras: a segunda letra, embora sendo um «c» invertido é para ser lido como um «o», o que deveria ser o primeiro e o terceiro «m» são pequenos prolongamentos da primeira ou da segunda “perna” do «e», o «m» que inicia a sílaba tónica não existe, o «d» também poderia representar «cl» e no «t» o travessão característico é substituído por uma curva.

³ Escrita de um teste de Introdução aos Estudos Linguísticos (Setembro de 2002)

Aceitar a normalidade deste processo gráfico (normalidade aceite quer por quem escreve, quer pelo leitor) significa exactamente que na grafia tudo é permitido desde que se atinja a finalidade da comunicação. Por isso é que o próprio sistema gráfico pode ser bastante alterado e a escola “nem dar por ela”! Por exemplo, quando não se diferenciam maiúsculas e minúsculas. Há alunos que fazem todo o seu percurso escolar (ou pelo menos a última fase pré-universitária) escrevendo apenas em maiúsculas⁴:

PARA O LINGUISTA COMPREENDER MELHOR A IMPORT
LINGUA, DEVE APONTAR A SUA ANÁLISE PARA
O DESTAQUE, POIS SÓ ASSIM INDEPENDENTE D
COMPREENDE O SISTEMA LINGUE DE CADA FALAN

Esta escrita nunca conseguirá representar oposições que a grafia oficial considera importantes, tais como a diferença entre nomes comuns e próprios (*o coelho* e *o [Sr.] Coelho*), a diferença entre realidades objectuais e entidades sociais (*a igreja branca* e *a Igreja*), a diferença entre a globalidade e a particularidade (*a linguística do autor x* e *a Linguística*) e tantas outras oposições que, por muito que se possa duvidar da sua utilidade fazem parte das regras do código escrito. Para além disso, ao não informar onde começa cada frase (uma das funções visuais mais importantes das maiúsculas na grafia manual), dificulta bastante o processo de leitura. E talvez seja por isso que, neste caso concreto, o escrevente faça coincidir frase e parágrafo, já que, por norma, não usa duas frases num mesmo parágrafo.

Ora se o aluno fez (com sucesso) todo o seu percurso escolar com esta escrita, é porque a escola a considerou adequada.

Desengane-se quem pensa que é apenas na contemporaneidade que as simplificações e as abreviaturas acontecem. Basta, por exemplo, uma visão, que nem é preciso ser muito profunda, aos pergaminhos medievais. É sintomático que na *Notícia do Torto* (o – ou um dos – documento(s) que inicia(m) a escrita conhecida em português) uma grande parte das palavras apareça abreviada. Só nas primeiras quatro linhas:⁵

D[e] noticia d(e) torto que fecer(ũ) a laurêci(us) fernãdiz por plazo qve fec(e) gôcauo
ramiriz antre suos filios e lourêco fernãdiz q(ua)le podees saber: e oue au(e)r d(e)
erd[ade]

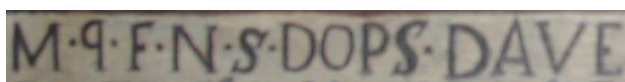
⁴ Escrita de um teste de Introdução aos Estudos Linguísticos (Setembro de 2002)

⁵ *Tempo da Língua – Imagens da História da Língua Portuguesa*, Instituto Camões (s/ data), pág. 19.

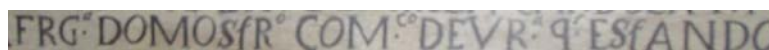
e d au(e)r tão q(uo)me uno d(e) suos filios d aq(uã)to podesẽ au(e)r de Bona d(e) seuo
pater; e fio li os seu
pater e sua mater. E d(e)pois fecer(ũ) plazo nouo e cõuẽ uos a saber q(ua)le: in ille seem

É curioso notar também que, tal como hoje acontece em muitas mensagens SMS, no *Testamento de D. Afonso II* (1214) todos os *que* aparecem abreviados em *q*.

Já mais próximo da actualidade, podemos encontrar na escrita popular dos ex-votos (quadros icónica e graficamente descritivos de um milagre atribuído a uma entidade religiosa) o mesmo princípio: o espaço da mensagem era curto (a quarta parte inferior do quadro) e por isso as palavras que pudessem ser abreviadas, eram-no muitas vezes. Aqui sim, podemos quase falar do advento das SMS: o número de caracteres era sensivelmente idêntico aos 160 das actuais SMS; era uma escrita nitidamente popular, com erros, registos regionais e linguagem muito próxima da oralidade; na mensagem, o conteúdo sobrepõe-se a quaisquer aspectos formais ou normativos; as fórmulas conhecidas e as palavras que se adivinhavam eram substituídas por abreviaturas:



*M(ilagre) q(eu) F(ez) N(ossa) S(enhora) DO P(orto) D(e)AVE ...*⁶



FR(e)G(uesia) DO MOST(eiro) COM(celho) DE V(iei)R(a) q(ue) ESTANDO...

Mas o principal factor da actual dessacralização da escrita prende-se com o facto de se terem alterado os processos físicos da mesma escrita. Esta deixou de ser constituída por materiais físicos sólidos (sulcos na pedra, na madeira, na argila, tinta no papiro, no pergaminho ou no papel) e passou a ser constituída pela diferença de luminosidade apresentada por um ecrã: ao princípio a televisão, depois o computador e finalmente (por agora) o telemóvel.

É pacificamente aceite que os materiais que se utilizam na escrita acabam por influenciar todo o processo. Se o material é raro, de difícil execução (pedra, argila) ou caro (papiro, pergaminho) escrever-se-á menos, com mais cuidado, muito mais formalmente, já que o acto da escrita é especial, fica dispendioso e é apenas destinado a celebrar grandes momentos. Como é evidente, a simplificação do processo físico acaba

⁶ Museu de Arte Sacra de N^a Sr^a de Porto D'Ave, Taíde, Póvoa de Lanhoso. O aparente “S” em *P(orto)* corresponderá à abreviatura *Pt* (=Porto) por um pintor talvez pouco alfabetizado.

por se reflectir na própria escrita. No entanto, esta simplificação nunca atingiu a vulgarização. Nem sequer com o computador, onde o texto escrito cumpre essencialmente as mesmas funções e se destina aos mesmos fins da forma clássica em papel. Aliás, a escrita normal num processador de texto destina-se habitualmente a ser impressa em papel.

O processo só se altera quando o texto escrito não se destina a ser imprimido. Isto começa com a troca de mensagens por correio electrónico, mas sobretudo com as mensagens de troca instantânea em tempo real em sítios da Internet (*chat(es)*). Mas será o telemóvel, em pouquíssimo tempo, a causar uma verdadeira revolução na área das comunicações interpessoais. Ao início, na área das comunicações orais, mas nos últimos anos no âmbito das comunicações escritas.

4. A especificidade das mensagens SMS

O telemóvel, que foi vulgarizado tendo por finalidade a comunicação oral, vem multiplicar por milhões uma nova dinâmica da escrita individual, constituída apenas por mensagens curtas com um máximo de 160 caracteres e designadas mensagens SMS.⁷ E por que razão este tipo de texto escrito se impôs tão generalizada e rapidamente, sobretudo entre a camada mais jovem, conhecida até aí pela sua aversão à escrita? Essencialmente porque a escrita SMS é radicalmente diferente da escrita tradicional que a mesma geração está a aprender na escola. E talvez seja por isso que a geração do domínio da imagem e do oral se está a transformar naquilo que alguns sociólogos já chamam a “generation text”.⁸ E são precisamente as características novas e diferentes que fazem das mensagens SMS uma das principais formas de comunicação social e mesmo a principal forma de comunicação escrita de uma determinada faixa etária.

A primeira diferença reside na instantaneidade do efeito comunicativo. Numa sociedade de mudanças frequentes e vertiginosas, a instantaneidade é um valor

⁷ O surgimento das mensagens SMS (*Short Messaging System*) fica a dever-se a uma particularidade secundária das comunicações móveis. Para o bom funcionamento do sistema, é necessário saber sempre o paradeiro de cada aparelho. Assim, os engenheiros puseram cada telemóvel a emitir, segundo a segundo, um determinado sinal informativo sobre si próprio. A antena que melhor captasse esse sinal ficaria encarregada de fazer as ligações a esse aparelho. No entanto, a informação relativa a cada telemóvel ocupa poucos caracteres, restando a possibilidade de o mesmo ficar com cerca de 160 caracteres livres ainda para enviar. Foi a possibilidade de uso desses 160 caracteres que não acarretava praticamente nenhum custo para a operadora de telecomunicações que levou à divulgação generalizada (e lucrativa) das mensagens SMS.

⁸ Ver *Expresso (Vidas)* de 20/7/2002, pág. 42-43.

altamente atractivo. As mensagens SMS têm esta particularidade, sendo quase simultâneo o processo de escrita e a sua recepção. A escrita tradicional, ao contrário, demora muito tempo a atingir o receptor.

A regra de ouro de o processo de comunicação linguística assentar no máximo de eficácia com o mínimo de esforço favorece as mensagens SMS: quase não dão trabalho, não necessitam de elementos materiais físicos (papel, caneta) para além do próprio telemóvel e todo o processo é muito rápido, já que a escrita de uma mensagem gasta muitíssimo pouco tempo, ao invés da actividade custosa e demorada da escrita tradicional.

Com as SMS atinge-se facilmente o receptor pretendido. Não é necessária a “ direcção ” ou qualquer outro conhecimento sobre a localização de quem queremos que receba a informação escrita.

Um outro grande factor de sucesso das mensagens SMS prende-se com o cerne do funcionamento do próprio fenómeno linguístico: facilitar as interacções sociais. Sendo o discurso oral a forma clássica de interpelação pessoal, ele implica determinados códigos sociais ou sócio-linguísticos que restringem a possibilidade de comunicação. Não é “normal” e por isso não é muito bem aceite socialmente, alguém fazer declarações de amor, tentar meter conversa ou mandar piropos a pessoas com as quais não se tem algum conhecimento ou familiaridade. Muito menos se o emissor o tenta fazer com várias pessoas simultaneamente. Mesmo apenas entre duas pessoas mais ou menos desconhecidas, as tentativas de aproximação, através da interacção verbal, envolvem sempre uma componente de pudor que o face-a-face físico acentua. Eu, para saber a receptividade que o outro pode ter para comigo, tenho que me expor à sua presença. Ora as mensagens SMS alteram radicalmente isto tudo. Pode-se falar com o outro(a) sem nos expormos fisicamente; pode-se ocultar a identidade de quem envia a mensagem e podem-se contactar várias pessoas (quase) simultaneamente. Ou seja, as mensagens SMS embora escritas, não possuem as inaceitáveis limitações do clássico processo de escrita, possuindo todas as vantagens da oralidade sem os riscos da exposição pessoal. Assim como o catolicismo inventou, através da confissão onde o confessor e o confessando não se vêem, um processo em que o penitente expõe a sua interioridade a alguém sem o face-a-face físico, as mensagens SMS também permitem “confissões” íntimas sem o pudor da exposição física. Daí uma das causas do seu grande sucesso, sobretudo entre os adolescentes.

Uma outra possibilidade que as mensagens SMS oferecem é a de permitirem que o seu autor tenha acesso a meios de comunicação tão apetecíveis e com tanto prestígio social como as estações de televisão. Inúmeros programas de televisão (sobretudo os voltados para o público juvenil) passam em rodapé mensagens SMS. Ora “aparecer” na televisão é extremamente aliciante, mormente numa idade em que o dar nas vistas é prioritário. Conseguir que uma sua mensagem, com a sua identificação, passe num programa de televisão é ter a certeza que será lida por muitos milhares ou milhões de pessoas. Por isso é que são tão frequentes declarações de amor em mensagens SMS televisivas: o adolescente considera um enorme prestígio social “aparecer” na televisão e aproveita a oportunidade para cativar quem mais deseja.

Por estes motivos, porque são na sua essência diferentes das formas de escrita tradicional é que as mensagens SMS não sentem obrigação de cumprir os cânones normativos clássicos da língua. A única função é comunicar e não, como na escrita escolar, mostrar que se sabe comunicar através da escrita. A forma é totalmente secundária em relação à finalidade e ao conteúdo.

5. A Linguística e as mensagens SMS

Na continuidade de uma longa tradição em que à língua estudada na aula não interessa a língua da rua, o escrevente juvenil sente que a escola não tem nada a ver com a forma como ele escreve SMS. E então, nesta forma que considera própria, investe os sinais que considera de maior prestígio no acto de comunicar, entre os quais, frequentemente, a informação que domina (muitas vezes mais aparente do que realmente) a língua que está omnipresente nas suas actividades preferidas: o inglês. E assim, enquanto as SMS inglesas são escritas apenas em inglês, muitas das escritas na língua portuguesa acabam por adquirir um hibridismo mais snobe do que criativo e que desfigura qualquer tentativa de uma construção morfo-sintáctica num português aceitável.

Perante este fenómeno, a escola pode tomar a atitude tradicional de considerar que a sua missão, no domínio linguístico, é a de apenas ensinar a linguagem escrita padronizada e que o verdadeiro fenómeno linguístico da comunicação do dia a dia não tem qualquer interesse. Mas talvez fosse uma atitude mais inteligente aproveitar a realidade para fazer pensar e entender o funcionamento das línguas em todos os seus

aspectos: quer a língua formal das comunicações escritas tradicionais, quer a língua de comunicação não formal, habitualmente apenas oral mas que agora já começa a aparecer em tipos e formas especiais de escrita de que as mensagens SMS são um dos exemplos.

E se muitos adolescentes escrevem mais SMS do que tudo o que escrevem na escola, como é que o professor de língua poderia aproveitar a situação?

Pode objectar-se sempre que este fenómeno talvez seja passageiro e que outras formas imporão outras modas. Ora a ideia que se quer transmitir parte precisamente daqui: a língua arranja várias estratégias de comunicação e todas essas estratégias são “nobres”. Se não no aspecto literário e normativo, em múltiplos outros aspectos através dos quais podemos compreender melhor e reflectir sobre o processo de comunicação das línguas desde a vertente interpessoal até à perspectiva sociolinguística.

Mas em concreto, se a escrita SMS trunca as palavras, usa abreviaturas múltiplas e diferentes de mensagem para mensagem, utiliza palavras meio portuguesas meio inglesas, como é que o professor de língua há-de tratar este entulho?

Apresentam-se numeradas, a seguir, como base exemplificativa, alguns SMS:⁹

1. Oi Sol. És a melhor companhia. ... Bjo
2. OI SOL! ADORAVA Q ACTUASSEM EM PORTUGAL BRYAN ADAMS E BONJOVI, HÁ MUITO QUE NÃO VEM CÁ.BJOS
3. ... Sou maluka pelo clip e pela musica ...
4. oi ppl!! Eu curtia bue de ver o EMINEM actuar em Portugal.fikem bem!AMO-TE DIANA!
5. GOSTO MUITO DO SOL GOSTARIA QUE FIZESSE UM PROGRAMA DE MUSICA DE DISCOTECA AMO-TE MT VANDA.
6. Oi voces são os melhores ... Um jinho para ...
7. (Kika,Estoril) Nunca tive muito tempo separada de qq namorado meu...
8. Tudo bem pple?passem um special...
9. Oi ppl do sol! Gostava mt k passacem cenas d smoke city! Um bj mt grand pa td o ppl d telheiras!
10. O melhor vidio-clip do momento é korn, pf passem mais sobre eles. Parabéns a sol musica, 1 abraço p/todos vos.Amo-t liliana
11. ... odeio-t zezao, odeio-t duarte! Bedzos
12. Boas ppl do sol, ...
13. UM GRANDE BEIJO PRA TI ... ADORO-TE XAU
14. oi ppl!a minha banda preferida é ... podiam passar mais cenas deles.quero mandar um big kiss pro ANGELBOY e para o ppl do candal
15. ... tou com vontade de ouvir a musica ...
16. (Bé,Guimaraes) boas pobo!! So passei por aki pa mandar um beijinho a todas as girls k kurtem SLIPKNOT.. AMO-TE NOKAS!!
17. ... JINHOS ADORO-TE
18. ...a todos os motards ke estão...
19. ...o vosso canal é muito fixe...Bjos para o Mac
20. Oi ppl de coimbra...
21. GOSTO MT DO VOSSO PROGRAMA.ABRAÇOS PARA A UNIVERSIDADE DA CERVEJA.CURTO BUE DA WEASEL.

⁹ Recolha feita em Agosto e Setembro de 2002 em dois canais de televisão por cabo. As reticências (...) indicam que a mensagem não foi totalmente transcrita.

22. Oi ppl!o melhor video...
23. ... Bjx para todos os mkos e mkas que conheço!
24. ... jinhos silvy e um ola migos albertina mario
25. Oi malta, td bem, gostava ... Amo-te mt,mt,mt,mt ...
26. p mim a melhor banda ... bjs escaldantes p a catia
27. EI PESSOAS!
28. OI PPL DO SOL MUSIKA. MELHOR KLIP ...
29. APPOCALYPTICA FOI O MELHOR CONCERTO Q VG NA MINHA 1 QUEIMA DAS FITAS EM COIMBRA.MANDEM MSG MULHERES
30. Oi ppl do c 21! por onde anda o ppl do xat, ... ? fikiem bem. SLB4EVER
31. FCP 4 EVER. SLBS NÃO FALEM MAL DO FCP ... BJ P FCPS.
32. (CrAZYmAc amo te mto!jinhos fofos para o ppl da gaf.encarnação.
33. Ois o canal está excelente...
34. kika vê-se mesmo que não pensas. Desde quando é ke 1 jogador ...
35. OI PESSOAL DE PORTUGAL! O MELHOR VIDEO CLIP ..., PA MIM ...
36. Tass, curto mil o vosso canal mas era fixe que passassem bandas como... Abraços po ppl d covas!
37. Olá gosto mt de celin dion, adorava vela em portugal. A sol musica é baril, um beijo pra vos...
38. ... ELES ROKAM MEMO A FORÇA TODA!ABRAÇOS E JINHOX PO PPL DA AMUROSOSA
39. parabéns granda canal!Bj para o meu mor ...
40. OI PESSOAL DO SOL TD FIXE!GOSTAVA BUE VER UM ESPECIAL "SPLIPKNOT" PLEASE.
41. Oi people do sol, tudo bem?
42. Oi sol, ... adorei ve-los em paredes de coura.Beijos para todo o ppl k lá teve. 1 especial ...
43. OI PPL DO SOL! MANDO ESTA MSG PARA VOS PEDIR K PASSEM ...
44. KERIA DIZER AH FILIPA KE A ADORO!UM OLA PO PPL DE ALMADA
45. Oi ppl do Sol ! curto bués o vosso canal! curtia k passassem ...
46. O vosso canal é altamente...
47. Hail! ... Punk e grunge foreva... Ñ comercializem o punk.
48. ACHO Q ACIMA D QUALQUER SENTIMENTO ESTA A MUSICA POIS ELA ENVOLVE TODOS ELES.JÁ Q FUI INFELIZ N AMOR Ñ M PREOCUPO AINDA TENHO A VOSSA MUSICA
49. (Pika,Braga) oix ppl do Sol!passem... tou mesmo a precisar!passem-na hj.fiko a espera! AMO*TE MARIA JOAO!, 1 grande bj pra ti
50. Quanto aos 4-0 só tenho ama coisa a dizer-SCP 4EVER!!!podia ter levado 20 k eu NNK mudava pa SLB ou FCP!ser SCP é lindo!jinhox pás leoas
51. SLB's, FCP, SLB e SCP jogaram contra o CELTA!e so 1a ekipa ganhou!kem foi?kem havia de ser?SCP RULLEEZZZ!!!fikem bm e parem de tc mal do SCP!

Esta forma de escrita pode parecer estranha ao professor de língua, mas é altamente atractiva e prestigiante no seio do grupo no qual o adolescente se integra. Em vez de ignorar isto, a aula de língua poderia aproveitar a ocasião para fazer ver que uma língua tem mais do que um estrato ou nível e que cada um dos níveis tem a sua função comunicativa e social. Ninguém melhor do que o aluno para saber por que é que usa aquele tipo de comunicação linguística e não escreve como os autores dos textos que lhe apresentam na aulas. O professor deve, então, fazer-lhe ver que há contextos e finalidades sócio-linguísticas diferentes e que por isso mesmo devemos dominar mais do que um registo ou nível linguístico. Quando a escola não traz para a sala de aula os registos que realmente o aluno usa por os considerar sem interesse de análise e lhe

apresenta apenas o registo ideal, quase sempre através do texto literário, faz com que o aluno fique com a ideia que a disciplina de língua da escola não tem nada a ver com a verdadeira língua que ele usa.¹⁰

É certo que a didáctica da língua, no percurso escolar do aluno, vai fazendo referências aos vários níveis de língua. Só que se entende sempre este conceito como referindo basicamente o nível da oralidade. Até ao aparecimento e uso generalizado das mais recentes formas de comunicação escrita (a chamada “conversa *on line*” e as mensagens SMS) o registo escrito coincidia com situações dotadas sempre de alguma formalidade e não presenciais entre emissor-receptor. Estas últimas formas de escrita alteraram o processo. E por isso talvez seja justificável que a noção de “nível de língua” com tendência a ser (quase sempre) identificado com certas situações da oralidade se possa aplicar à escrita. O conceito de **nível de escrita** poderá ser didacticamente útil na medida em que permite que o professor de língua não escorrace para fora da sala o tipo de escrita que os seus alunos mais utilizam. Só assim terá oportunidade não apenas de fazer com que se possa admitir dentro da sua especificidade este “nível de escrita”, como, a partir dele, mostrar alguns dos aspectos do funcionamento da próprio sistema linguístico e mesmo até (embora talvez alguns puristas considerem isso escandaloso) corrigi-lo para o melhorar.

Por que não, para começar, tentar aportuguesar este sistema de escrita? Tal como existe, é uma miscelânea estranha, quer para o inglês quer para o português. O aportuguesamento poderia começar por um grupo de pronomes muito utilizado (*que, quem, qualquer, quando, qual*) e que enxameiam as mensagens de “kk”, uma letra ainda um pouco estranha ao nosso alfabeto. Como se pode constatar nas mensagens recolhidas, ainda não há uniformização, chegando a mesma mensagem (35) a apresentar formas diferentes (entre parêntesis o número da mensagem):

que= k (9,16,43,44,46,51), ke (18,35,45), q (29,49,49), que (23,35,37)

qualquer= qq (7)

quem= kem (52,52)

Não seria melhor usar as formas *q=que, qq=qualquer, qm/qem=quem* graficamente muito mais ligadas ao processo normal da escrita? Note-se o “prestígio”

¹⁰ A ideia de que a língua real de comunicação do dia a dia não tem grande interesse, quer para a escola, quer para a ciência permanece nos alunos até à entrada na Universidade, mesmo naqueles que vão estudar línguas vivas! Num pequeno teste diagnóstico feito aos alunos do 1º ano dos cursos de letras da Universidade do Minho, em Outubro de 2002, perante a questão “O que pensa que a Linguística deve estudar?” diante de três opções, só cerca de 20% escolheu a opção “O funcionamento normal da língua do dia a dia”. A maioria de 80% repartiu-se entre “A língua portuguesa correcta” (60%) e “A língua portuguesa correcta sobretudo a dos textos literários” (20%)!

do “k” nas palavras *maluka* (3), *kurtem* (16), *Nokas* (16) e *KLIP* (28). Aqui não foi utilizado por uma questão de economia de caracteres, mas apenas para dar um ar mais atractivo (segundo uma determinada perspectiva, claro!) à mensagem.

É ainda a noção de prestígio linguístico que o inglês possui que leva a que, por exemplo, a forma mais frequente de tratamento seja *ppl* (= *people* 16 vezes) ou as variantes *ppl* ou por extenso *people*. As formas portuguesas *pessoal* e *malta* surgem apenas duas vezes e uma vez, respectivamente. As criações que usam números a valerem apenas pelo seu valor fonético e que o inglês internacionalizou são particularmente apreciadas: *SLB4EVER* (= *Benfica para sempre*, 31), *FCP 4 EVER* (= *Porto para sempre*, 32). Mesmo quando o conhecimento da língua inglesa é pequeno é grande o desejo de se mostrar a usá-la (*Punk e grunge foreva*).

Talvez a língua portuguesa não possibilite tanto como o inglês o processo de abreviatura. Veja-se um pequeno exemplo retirado de uma página da internete (www.transl8it.com) dedicada a fazer traduções automáticas entre SMS-inglês e inglês-SMS:

LO. Do U wnt 2 hav dinr w me
2nt? I'll buy som fresh, gud
vegetablers & cook dem 4 U.

wit a GSOH we wil b
frNs 2gethR 4evR

CUL8R @ 9 kul? Should b a
gr8 mvie 2 c! l8r.

Hello. Do you want to have dinner with me
tonight? I'll buy some fresh, good
vegetablers and cook them for you.

with a good sense of humour we will be
friends together forever

See you later at nine cool? Should be a
great movie to see! later

É indubitável que este processo (simultaneamente criativo e simplificador da escrita), mais ou menos adaptado ao português, cativa uma faixa etária específica. O professor de língua não tem qualquer possibilidade de impedir o seu uso. Quanto mais mal disser dele, mais ele se torna atractivo como forma de identificação do grupo. Por isso, poderia ser uma atitude mais inteligente aproveitar o processo para explicar que a escrita das mensagens SMS não pode ser a escrita de um romance, de um artigo científico ou de um jornal: que uma língua procura sempre o equilíbrio entre um mínimo de “esforço” e um máximo de eficiência. Quanto mais se abrevia o sinal (neste caso a escrita) maior terá que ser o esforço de descodificação/compreensão e maiores as possibilidades de erro. Assim, se se escrever *td* (SMS25) terá que ser quem lê a descobrir se é *tudo*, *todo*, *toda*, *todos* ou *todas*. E que se nas mensagens SMS isto não é um problema, noutro tipo de textos o é. É mais útil convencer o aluno que pode haver

formas diferentes de escrita para situações diferentes de comunicação do que pura e simplesmente excomungar todas as formas que não se enquadrem no cânone tradicional.

Poderão as SMS serem um bom pretexto para se ensinar a relação (que parece óbvia mas não é) entre o plano gráfico e o plano fonético; que a escrita tradicional não tem como finalidade única representar os sons; que cada letra não representa um som e que cada som não é representado sempre pela mesma letra. Pode parecer incrível, mas mais de 90% dos alunos (de letras!) à entrada da Universidade não tem o conceito de consoante enquanto som da língua, mas apenas enquanto letra do alfabeto.¹¹

A criatividade da abreviatura das SMS poderá ser também utilizada para referir processos morfológicos característicos do português. Apesar de no processo normal de abreviatura lexical o radical ser a parte estável e intocável, é curioso como uma das formas mais habituais de saudação de despedida (*beijinhos*) aparece várias vezes abreviada: *Um jinho* (6), *jinhos* (33), *jinhox* (39). Por que não aproveitar para analisar a importância dos sufixos e o papel especial que tem o sufixo *-inho* em português? A noção de “diminutivo” que aparece tradicionalmente é —como as SMS o comprovam— muito pobre e redutora. A sua frequência, os seus valores semântico-pragmáticos são um caso especial no português europeu actual.

O professor de língua deverá fazer com que o aluno distinga, dentro das alterações feitas à escrita canónica, os processos criativos voluntários que uma escrita como a de SMS envolve, dos erros cometidos por ignorância. A SMS 38 poderia servir para exemplificar que *adorava vela em portugal* é diferente de *adorava vê-la em Portugal*. O contraste poderia servir ainda para referir a homonímia e a homofonia, por exemplo. Não será que se a aula de língua se tornaria mais atractiva se se servisse dos materiais e dos interesses dos próprios adolescentes e os levasse a reflectirem mais e melhor sobre a totalidade do processo de escrita?

6. Torpedos e tácticas

A característica metaforização do português do Brasil levou a que a palavra *torpedo* designasse um “bilhete enviado a uma pessoa determinada, em recinto público”.¹² Hoje em dia aplica-se igualmente às mensagens SMS.

¹¹ Inquérito referido na nota anterior. Por exemplo, dizem que **pronunciam** duas consoantes na palavra *asso* e outras duas na palavra *acho*.

¹² Dicionário Aurélio

Na verdade, mais do que ser torpedado pela instantaneidade na comunicação, esta forma de escrita torpedeava o processo e o cânone gráfico tradicional. E não vale a pena fazer de conta que ela não existe ou que é um fenómeno insignificante. As operadoras de comunicações móveis sabem que um adolescente não precisa de muitos dias para escrever mil mensagens. No entanto, os professores também sabem a dificuldade que, por vezes, têm, em fazer com que os mesmos adolescentes, na escola, escrevam meia dúzia de frases.

A sabedoria oriental diz que para nos impormos a um inimigo não precisamos de ter mais força ou armas mais fortes do que ele, desde que consigamos usar a força e as armas que ele tem. O judo baseia-se neste mesmo princípio. Assim sendo, por que não aproveitar o fascínio, o interesse e o uso das SMS para trabalhar a faceta que aparentemente as mesmas mais “atacam”: a escrita formal? Em vez de exorcizar para fora da aula de língua a forma da língua escrita mais divergente (ou criativa?) seria talvez melhor mostrar que contextos de comunicação diferentes admitem processos diferentes e que para os tradicionais **níveis de língua** a tecnologia vai impondo diferentes **níveis de escrita**. Estas novas formas de escrita podem ser explicadas e orientadas pela escola ou então crescerem e desenvolverem-se caoticamente. A mesma escola pensar que as impede, é pura ilusão. Até porque as mensagens SMS são a resposta mais evidente àquelas teorias que duvidam que o que é mais importante numa mensagem é comunicar.

Fontes referidas

AURÉLIO (Buarque de Holanda Ferreira), *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (2ª ed.).

NASCIMENTO, Maria F. Bacelar, 2001, (Coord.) “Jogar futebol”, CD ROM *Português Falado – Documentos Autênticos*, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e Instituto Camões, Lisboa.

QUERIDO, Paulo, 2002, “SMS, a nova categoria literária”, in *Expresso-Vidas* (20/7/2002), pp. 42-43.

www.transl8it.com